

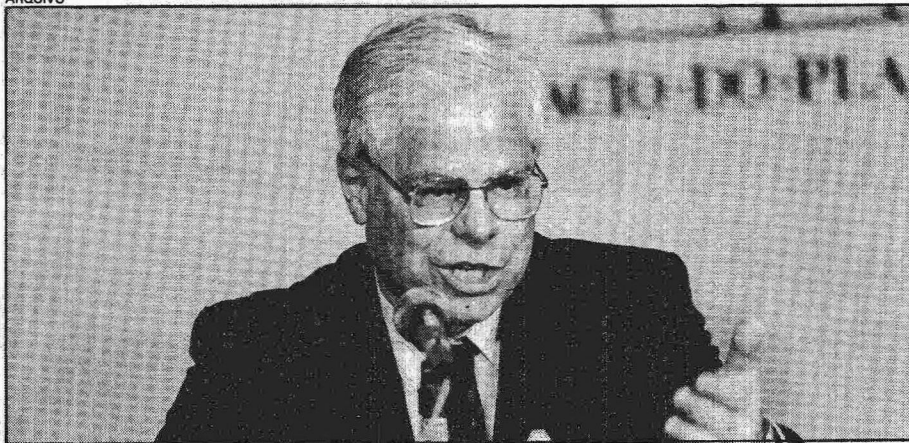
Falta de dinheiro deixa cineastas esperando Godot

Os produtores de cinema brasileiros estão em compasso de espera. Não tanto em termos de produção, já que cada um vai se virando como pode nestes tempos de escassez de recursos e quase ausência de distribuição de filmes nacionais. Espera no que diz respeito à implantação de uma política que se traduza em regras bem definidas para o setor.

“É um pouco aquele negócio do cara que está no meio da tempestade e tem que acreditar que o mundo não vai acabar”, desabafa Mariza Leão, da Morena Filmes, que produziu, entre outros, *O Homem da Capa Preta*. O governo Collor não exerceu até agora o papel que lhe compete no que se refere à indústria cinematográfica. Em termos concretos, isso é o que há”.

Mariza acha que o maior prejuízo para a classe cinematográfica não foi a extinção dos financiamentos para produção que aconteciam via Embrafilme. “Os recursos, você consegue aqui

ARQUIVO



A indicação de Rouanet é vista como das poucas luzes no fim do túnel

e ali”, explica. “O pior mesmo foi a extinção da distribuidora que a Embrafilme também era. Uma empresa com sete filiais pelo Brasil e um corpo de funcionários com 20 anos de experiência em lançamentos de filmes nacionais. Isso, para mim, foi um erro gravíssimo”.

As consequências do que Mariza aponta são de fato visíveis a olho nu. A Art Filmes, um dos últimos redutos de distribuição de filmes brasileiros, este ano só lançou quatro títulos, sendo que um foi *Inspetor Faustão e o Malandro* e o outro, novo filme dos Trapalhões (*Os Trapalhões e a Árvore da Juventude*), ambos com um apelo comercial inegável.

No grupo Luis Severiano Ribeiro, o outro reduto, a situação não é muito diferente. Ivan Cardoso aguarda há mais de um ano para lançar *O Escorpião Escarlate*, aclamado pelo público no último Festival de Brasília, e não tem pressa. A curta carreira de *Estelinha* no circuito comercial dias atrás — ficou só uma semana em cartaz no Rio — é o sinal: lançar filme nacional hoje é pisar em ovos.

Mudança — “Há um certo descrédito em relação ao filme nacional como um todo”, admite Tânia Leite, relações públicas da Art Filmes. “Como estão com pouco dinheiro no bolso, as pessoas optam preferencialmente por um

filme que já chegue ao País com algum cartaz e boas referências”. De uma maneira geral, porém, os produtores vêm com bons olhos a mudança no comando da Secretaria Nacional de Cultura. “Para mim é evidente que a indicação de Sérgio Paulo Rouanet não significa apenas uma mudança de nomes”, aponta Aníbal Massaini, produtor paulista, herdeiro do velho Massaini, que assinou a produção do *Pagador de Promessas* (Palma de Ouro em Cannes).

Massaini acha que há uma nítida mudança de orientação, com o que concorda Luis Carlos Barreto. “A nomeação do Rouanet é um sinal evidente de que o Governo está disposto a formular um projeto cultural para o País”. Entre os produtores, parece haver um consenso: a gestão do ex-secretário Ipojuca Pontes foi arrasadora para o cinema. “Foi uma gestão de ataque à honra de todos nós”, declara Mariza Leão.

A produtora paulista Assunção Hernandez (*O Homem Que Virou Suco*) prefere ser mais taxativa: “É que o presidente não é mesmo muito chegado à cultura. Justamente por isso precisa estar bem assessorado”. Assunção também enxerga uma melhora de perspectivas com a nomeação de Rouanet, mas alerta: “Está melhor, mas ainda está frio. O desmonte feito no ano passado foi muito grande. É preciso fazer todo o percurso inverso”.